

QUEM É O SUJEITO PSICOLÓGICO? ALGUMAS REFLEXÕES E APONTAMENTOS TEÓRICOS FUTUROS

Fausto Eduardo Menon Pinto

Psicólogo pela Universidade São Francisco/Itatiba, Mestre em Educação pela FE/Unicamp e Psicólogo da Prefeitura Municipal de Hortolândia/São Paulo (Brasil).

Email:

faustomenon@bol.com.br

RESUMO

Este ensaio tem por objetivo central abordar, de maneira reflexiva, a idéia hipotética de se conceber um ser humano composto de uma série de dimensões psicológicas que se comunicam entre si de forma complexa e dinâmica, por exemplo, a afetividade e a cognição, isto é, o *pensar* e o *sentir*, o que vem a se chamar, previamente, *sujeito psicológico*. Tendo por base essa perspectiva, debate-se inicialmente a noção de alma psicológica, acentuando uma visão filosófica aristotélica. Posteriormente, discutem-se os principais estudos teóricos e empíricos ligados à *psicologia e complexidade*. No final, por sua vez, procura-se apresentar alguns aspectos de uma visão psicológica global de ser humano, em que se considerem aspectos multimodais: cognitivos, afetivos, consciência, inconsciente e uma estrutura integradora, que é o *self*.

Palavras-chave: Psicologia. funcionamento psíquico. emoção. afetividade. cognição

INTRODUÇÃO

O presente ensaio teórico pretende discorrer sobre a noção do que vem a ser chamado sujeito psicológico, bem como sobre o seu funcionamento psíquico a partir de dimensões interligadas (como a afetividade e a cognição) que se comunicam entre si de forma dinâmica e complexa. Buscando discutir todos esses aspectos, a proposta desse material está em refletir, ainda que inicialmente, sobre a formação da psique humana. Faz-se uma breve incursão ao tema, colocando-se em ênfase alguns aspectos filosóficos e, sobretudo, psicológicos. Acredita-se que a revisão teórica traga algumas discussões ao debate acadêmico que vão ao encontro de novas formas de se

imaginar o funcionamento psicológico do ser humano que não sejam tão-só pela fragmentação do conhecimento em partes cada vez mais diminutas e também dissociadas entre si.

1) A alma humana: uma reflexão filosófica

“O ódio é o sangue fervendo dentro do coração”

(ARISTÓTELES)

Desde os tempos mais remotos, o ser humano começou a ajuizar acerca de sua conduta, de seus pensamentos mais íntimos e, assim, passou a compreender que existia um universo psicológico jamais explorado: idéias, imaginação, sonhos e sentimentos. Isto é, um universo com características psicológicas. Por um outro modo de dizer,

É sabido, repetidas vezes, nos tantos manuais acadêmicos, que as primeiras descobertas científicas objetivaram desvendar mundos que estavam além do alcance dos mortais, seja, por exemplo, através da observação direta a planetas longínquos [...] Desse modo, o ser humano há tempos – por sua natureza psicológica envolta de curiosidade acerca dos fenômenos ao seu redor, que é um traço bastante peculiar – enveredou nos liames da descoberta científica, inclusive com referência à alma humana (PINTO, 2004b, p. 113).

Pensada nessa perspectiva, vê-se que durante milênios os seres humanos buscam compreender descritivamente a natureza dos fenômenos que os cercam, quais sejam, de composição humana ou inanimada. Os mistérios sobre a alma humana – o complexo mundo de estruturas de conexões nervosas e de conteúdos psíquicos – foram desde o período da Grécia Antiga aos dias atuais o mote de muitas reflexões de filósofos, poetas e cientistas das diferentes áreas do conhecimento humano. Os poetas, por exemplo, dedicavam as suas abstrações na esfera literária, usando uma linguagem estritamente metafórica, baseando-se na linguagem emocional. Já os filósofos, por sua vez, apoiavam suas elucubrações racionais em uma reflexão pormenorizada de pensamentos e idéias, fomentando e ampliando dialeticamente uma complexidade de novos julgamentos. Davam, pois, significativa importância ao pensamento e à arte de refletir (PINTO, 2005a, 2005d).

Comenta-se que os filósofos foram os primeiros pensadores a questionar, de forma ordenada e sistemática, uma variedade de temas que envolvem o mundo dos mortais, em especial aqueles que dizem respeito à alma humana, tais como as idéias, as fantasias e as paixões. Para essa reflexão, os filósofos valiam-se inteiramente da *razão*. A razão é a que promove a *base do pensamento* para se encontrar o conhecimento filosófico (WEBER, 1925; DURANT, 1939; FOUILLÉE, 1926;

GAMBRA, 1993).

Uma especulação filosófica dessa natureza remete à figura de Aristóteles (384-322 a.C.), um dos filósofos mais respeitados e nascido em Estagira (Stageira, em grego), nas redondezas da região da Macedônia. Ainda quando era muito jovem, seus pais vieram a falecer, o que levou seu tutor, Proxenos de Atarneu, a enviá-lo para a cidade de Athenas na Academia de Platão. É lá que Aristóteles realizou seus estudos, por mais de vinte anos, nas esferas política e intelectual, até o falecimento de seu mestre, Platão. Aristóteles veio a falecer por volta do ano de 322 a.C. com mais de 60 anos de idade (ROSS, 1995).

Um dos seus principais marcos teóricos vem a ser o estudo da alma humana (HUNT, 1993). A psyche (a saber: alma humana) “[...]es principio y causa del cuerpo” (CONILL & CORTINA, 1993, p. 73), pois tudo que tem a capacidade de crescer, reproduzir e alimentar-se possui um status de alma, ou seja, a alma é dotada de múltiplos atributos ou funções. Os animais, para Aristóteles, seriam providos de uma alma sensitiva, que lhes daria os atributos de percepção e movimento. Já os vegetais teriam uma alma vegetal, cuja instância se resume pela função de alimentação e reprodução. O ser humano, além de usufruir as qualidades de uma alma sensitiva, teria uma alma racional, que fornece a função pensante, ou função da razão (DUMONT, 1962; LEFRANC, 1997).

Ainda pensando na alma humana, em sua obra clássica “De Anima”, ou “Sobre a Alma”, Aristóteles prediz que, quaisquer que sejam os atributos da alma (como a inteligência, a memória, o pensamento ou o sentimento), é inegável que eles se revelem diretamente no corpo, formando uma unidade substancial (ARISTOTLE, 1991). Ao se comentar isso, lembra-se de Larock (2002) quando realça que as emoções, para Aristóteles em “De Anima”, além de envolverem estados corpóreos, ou movimentos do corpo, envolvem também aspectos psicológicos: um aspecto psicológico expressar-se-ia por um alto nível da consciência, servindo ao papel do processamento da emoção e ao conhecimento da experiência emocional.

Sob a óptica de Aristóteles, os afetos são iguais a estados de ânimo e poderiam comprometer a qualidade dos juízos dos seres humanos, desde que descontrolados. Nota-se que, em absoluto, o filósofo repugna os afetos, ele crê até mesmo que, por exemplo, eles ofereçam subsídio ao orador no seu exercício de pregação ao público. Entretanto, destaca ele que os impulsos dos sentimentos, se tornados ilógicos e muitas vezes irracionais (a saber: as paixões humanas), devem ser afastados do espírito para não molestarem o galgar do conhecimento filosófico (ARISTÓTELES, 2000).

Com tal análise filosófica, as paixões humanas (como o medo, o amor etc.), oriundas de fenômenos da alma, ou de natureza subjetiva, impetram complexos estados pelos quais a conduta do organismo se modifica abrupta e estruturalmente, podendo até afetar a qualidade dos juízos. O próprio Aristóteles reflete:

As paixões são todos aqueles sentimentos que, causando mudanças nas pessoas, fazem variar seus julgamentos, e são seguidos de tristeza e prazer, como a cólera, a piedade, o temor e todas as outras paixões análogas, assim como seus contrários (ARISTÓTELES, 2000, p. 5).

Em alusão ao uso da *razão* como a única forma de se obter o conhecimento, há muito se vem debatendo que os filósofos se propuseram a ver as *emoções* como termos *cognitivizados*. De qualquer modo, parece que os estados afetivos podem comprometer (a saber: *afetar* negativamente) a qualidade dos juízos, ou seja, implicando “[...] a famosa cegueira de paixão: o apaixonado volta toda a atenção e os ‘afetos’ para o objeto da paixão. A sua inteligência já não obedece as leis da lógica[...]” (PESSOTTI, 2002, p. 40). Isso quer dizer que um ser humano em estado de *alma apaixonada* não poderá trazer modificações substanciais em termos de conhecimento na sua alma racional, já que ela está entretida apenas com a lógica formal.

Em reflexões similares, é deveras usual a afirmação de que a natureza psicológica do ser humano está dividida em duas partes categóricas e singulares: uma racional e a outra afetiva, ou seja, “uma que pensa e a outra que sente”. Dessa forma, a afetividade seria supostamente definida como uma antítese da cognição e segundo a qual poderia ainda prejudicar o funcionamento da atividade intelectual. Uma dificuldade que hoje ainda impera é a afirmação de que o território afetivo interfere negativamente na organização e no funcionamento psicológicos. Sob tal prisma, estuda-se mais a cognição que a afetividade.

De modo contrário, a despeito especificamente do mundo psicológico-subjetivo, há de se entender que, desde a história antiga, já se relatava a influência do universo subjetivo sobre a dinâmica da alma do ser humano, principalmente no que tange à afetividade (GILMER, 1970; COHEN, 1966; YOUNG, 1952; MIRA Y LÓPEZ, 1967; JAMES, 1912). Tanto isso é verdade que, como fonte de inspiração artística com relação aos sentimentos, a figura mítica, em todos os tempos, é a de Eros, o Deus do Amor na mitologia grega, ou mais conhecido como Cupido, entre os leigos. Sua imagem centrava-se na figura de uma criança com asas, despida, de temperamento jocosos e com arco e flecha nas mãos. O mortal ou um deus que fosse atacado por suas flechas ficariam intensamente apaixonado (SCHMIDT, 1998; COLMAN, 2003; KURY, 2001).

Com efeito, é importante enfatizar que a afetividade é, por si só, uma das temáticas mais requisitadas por poetas, desde o momento em que o ser humano começou a transpor para o papel seus mais íntimos e subjetivos pensamentos. Ou seja, trata-se de um assunto de fundamental importância na descrição de matizes da personalidade psicológico-humana. Para se ter uma idéia disso, uma representação grega acerca da afetividade, que outrora se fez acerca da natureza subjetiva humana, faz alusão ao coração, que é acatado como o órgão que abrigava a emoção e sensibilidade humanas (PINTO, 2004a).

2) A complexidade e o sujeito psicológico: algumas visões e estudos

Com o passar dos anos, vários juízos, preconcebidos anteriormente como um conjunto de verdades imutáveis, foram modificados paulatinamente, seja por meio de um espírito humano curioso, seja por uma atitude precisamente de caráter experimental. Dentre tantas, uma idéia clássica diz respeito ao local do planeta Terra no universo. Deve-se à figura de Copérnico a afirmativa clássica que se entendeu que a Terra não é o centro do universo, e sim o Sol (REICHENBACH, 1985; ELENA, 1996; BROWN *et alii*, 1997). Uma das prováveis conseqüências diretas desse modelo de pensamento é que, ao modificar o lugar hierárquico do planeta Terra, o ser humano passou também a ocupar um papel mais ativo na construção do seu conhecimento, por meio do uso das faculdades racionais. Tudo isso concorreu para o desenvolvimento de um cenário científico.

Como é sabido, a Ciência Natural adquiriu o seu status na compreensão dos fenômenos naturais a partir dos séculos XVIII e XIX, com a explicação do funcionamento do universo e, particularmente, de diversos objetos (WERTHEIMER, 1991; ADCOCK, 1990). No tocante à função da Ciência, Campos (2000, p. 35-36) preconiza que

O conhecimento científico deve ser compreendido como o estágio mais recente na evolução do conhecimento humano [...] Foram necessários quase dois mil anos para que a ciência pudesse ser realmente compreendida e produzida. Desse momento até o presente, o que se pode observar é uma constante evolução, sobretudo no século XX, onde os recursos metodológicos e tecnológicos alavancaram o desenvolvimento científico.

O período citado historicamente como Renascimento possibilitou a expansão do conhecimento humano em termos das artes e ciências, culminado com a exploração substancial da anatomia e fisiologia humanas, colaborando com o desenvolvimento de novos pensamentos e de novas idéias sobre o mundo que abarca o ser humano (TARNAS, 2000; LAKATOS, 1994). Nesse cenário de desenvolvimento intelectual, pode-se entender que o ser humano se apropriou do método experimental para descobrir metodicamente as leis que regiam a natureza.

Parece que a noção exata de conhecimento científico, no sentido restrito do termo, recebeu um apreço cada vez mais legítimo à medida que se pode demonstrar e descrever minuciosamente um dado fenômeno. Para isso, usavam-se as faculdades lógicas (isto é, racionais) para se fazer a correlação entre causa e efeito. Resumindo:

A ciência natural, por ser racional e objetiva, procura sempre medir e registrar seus fenômenos. Ela se preocupa em dar definições precisas, descrições exatas e medições afinadas. A comprovação de suas hipóteses envolve experiências. Por isto para ela, os números são de grande importância [...] Ao investigador cabe a classificação dos dados, o trabalho com os dados e a habilidade no julgamento dos fatores relevantes e sua interpretação [...] (ALMEIDA, 2000, p. 30).

Como análise crítica, o método experimental, viável ao objeto de estudo, consistiria notoriamente em isolar um corpo (objeto) em partes cada vez mais diminutas e dele retirar as suas funções principais, como, por exemplo, a sua força, a elasticidade, o movimento, a trajetória ou suas características biológicas e químicas, isto é, na visão renascentista, assistiu-se ao uso exarcebado da matemática para formular leis explicativas e sistematizadas com equações que melhor descrevessem as características fenomenais dos objetos de estudo (PINTO, 2003a).

Entende-se por isso mesmo que, desde o período do Renascimento, houve uma dispersão das inúmeras áreas do conhecimento (v.g., Química, Biologia, Física e Matemática), o que trouxe experimentações sucessivas e um real controle de variáveis, para que, com isso, houvesse a decodificação funcional das leis que regem os fenômenos naturais. Levando-se em consideração essa idéia, ir-se-ia pelos caminhos de um conhecimento puramente mecanicista e racionalista ao universo fenomenal, restringindo-se os objetos em fragmentos cada vez mais distintos entre si, como numa celeuma disjuntiva.

A fim de debater a questão da complexidade, o pensador francês Edgar Morin (1995, 2002b) cogita sobre a necessidade de se ampliar a visão a respeito dos fenômenos e dos paradigmas científicos. Morin (idem) elucida que um paradigma científico é tudo aquilo que subjaz aos discursos teóricos e que está presente na edificação das mais diversas teorias. Para o referido autor, o paradigma que orientou a Ciência Natural é o simplificador, tendo como fim dissipar a complexidade dos fenômenos, revelando, assim, uma ordem tacitamente mais simples. Ele está-se referindo aqui basicamente ao paradigma de simplificação, fato este que prima pela disjunção, redução e abstração do conhecimento.

É importante notar que a palavra complexidade é definida por Morin (1995) como algo complicado, difícil de explicar, que não se pode reduzir a uma lei ou a uma idéia simples. Em síntese, pode-se supor que “a complexidade é um fenômeno quantitativo, ou melhor, um fenômeno que possui uma quantidade imensa de interações e inferências em um número muito grande de unidades” (ARAÚJO, 2007, p. 29).

Em face desses conceitos, fica bastante claro que a complexidade seria o fenômeno paradigmático que preza fundamentalmente o anti-reducionismo, procurando com isso conceber a realidade fenomenal como um conjunto totalizante de múltiplas partes com o todo e buscando compreender os fenômenos em uma correlação dinâmica entre parte e todo. Acolher esse novo rumo

teórico-conceitual é separar-se cada vez mais da tradição cultivada pela Ciência Natural de fragmentar e reduzir a realidade fenomenal em objetos compartimentalizados. Além disso, Morin (2002a, p. 58-59) assevera que

Efetivamente, a complexidade não é somente o fato de que tudo está ligado, de que não se podem separar os diferentes aspectos de um mesmo fenômeno [...] mas é além do mais a idéia de que conceitos que se opõem não devem ser expulsos um pelo outro quando se chega a eles [...].

Ao se destacar todos esses dados, faz-se necessário reorganizar teoricamente o ser humano psicológico não mais em conteúdos fragmentados, mas sim ancorado em sistemas, ou melhor, em dimensões, e por que não dizer próximo da realidade do dia-a-dia, de cada ser humano, próximo também de um entendimento de complexidade. Com base nesse contexto teórico, acredita-se que se devam incorporar ao saber psicológico novos modelos de estudo teórico em que tampouco se possa fragmentar a alma humana em dimensões dissociadas entre si. Isso faz lembrar que

O reconhecimento da falta de uma concepção integradora no domínio da Psicologia tem vindo a crescer nas últimas décadas, designadamente no que se reporta à compreensão do comportamento humano [...] do desenvolvimento dessa realidade complexa, multidimensional (ABREU, 2002, p. 41-42).

Atualmente, parece que se começa a questionar que a *cognição* e a *afetividade* possam estar em um convívio dinâmico no psiquismo, bastando-se notar que elas possuem dimensões psíquicas de características particulares, mas que certamente têm correspondência psicológica associativa. Procurando-se imaginar uma realidade teórico-psicológica em que se olhe o ser humano como o produto dinâmico de processos intelectuais e também afetivos. Como se disse antes, muitos são os autores, em diferentes áreas do saber, que têm apontado muitas evidências de que a oposição entre cognição e afetividade não se sustenta de fato.

Nos últimos anos, começaram a surgir alguns debates, ensaios teóricos e estudos empíricos acerca do papel da dimensão afetiva na organização do pensamento, procurando-se com isso tentar desfazer a divisão entre *razão* e *coração* (ARANTES, 1998, 2000b, 2006; ARAÚJO, 1998, 1999, 2003, 2007; MORENO, 1998). Assim sendo, grande parte desse material assegura que a organização do pensamento humano pode ser influenciada tanto pela cognição, quanto pela afetividade. Diante desse aspecto, a afetividade coabitaria psiquicamente em igual proveito com a cognição e teria ela um valor estimável na organização do raciocínio humano, possibilitando-se afirmar haver uma interação dinâmica entre cognição e afetividade. Ou posto de uma outra forma

[...] acredita-se que as duas estruturas (afetividade e cognição) funcionem psicologicamente de maneira dinâmica e construtiva, como peças conjuntas de um processo único no funcionamento psicológico, sendo assim de pouco valor dividi-las em fragmentos dissociados entre si. Em cada experiência, o ser humano é cognitivo-afetivo ao mesmo tempo, estando em proporções variáveis ‘mais’ afetivo ou ‘mais’ cognitivo, ou quem sabe ambas as duas somadas. Ou seja, sendo inseparáveis (PINTO, 2004a, p. 109).

Aliado a essa mesma perspectiva de raciocínio, Araújo (1998, 1999, 2003, 2007) defende a idéia de elaboração de novos modelos teóricos que possibilitem romper a dicotomia entre *mente e corpo, razão e emoção*, por meio da busca de novos paradigmas em psicologia. Para esse autor, a maneira como o ser humano pensa, sente e valora é o resultado da coordenação de vários sistemas ou dimensões. Para resumir, compreende-se o sujeito psicológico como...

[...] um ser que sente emoções, que sente fome, que vive imerso em relações com um universo objetivo e subjetivo, e que possui uma capacidade intelectual e afetiva que lhe permite organizar e interpretar essas relações com o mundo interno e externo (ARAÚJO, 1999, p. 46).

Segundo o mesmo autor, coexistem aspectos multidimensionais constituintes da natureza psicológica do ser humano: biológico, afetivo, cognitivo e social, os quais estão em constante relação e correlação. Nessa *influência mútua*, todos têm o mesmo grau de importância e, assim, qualquer alteração que venha a acontecer em cada uma dessas dimensões ou subsistemas afetará dinamicamente o funcionamento do sistema inteiro. Isso significa dizer que não é “perdida” a noção das partes nem do todo, mas sim que existe uma correlação dinâmica entre eles, sendo o sujeito psicológico não uma mera junção de subsistemas, porém a incorporação desses sistemas dinamicamente. Segundo Araújo (1999, p. 68),

[...] para melhor compreender esse ser psicológico complexo, podemos estudar separadamente seus aspectos cognitivos, afetivos, socioculturais e biológicos e suas relações com o mundo físico, interpessoal e sociocultural à sua volta. Não se deve, porém, perder a perspectiva de totalidade e coordenação interna e externa desses sistemas.

Nessa inter-relação psico-funcional, existem elementos reguladores (ARAÚJO, 1999, p. 73) que teriam como papel a coordenação dos sistemas e subsistemas no sujeito psicológico. Quanto ao conceito regulador,

[...] nossa hipótese é a de que em seu funcionamento psíquico o sujeito psicológico utiliza-se de vários elementos ‘funcionais’ (ou ‘colas’) que, nesse momento, gostaríamos de definir como reguladores (ARAÚJO, 1999, p. 74).

O sistema biológico, por exemplo, poderia ter como regulador os neurotransmissores, definidos como aquelas substâncias que facilitam a comunicação entre as células nervosas, alterando o funcionamento em nível cerebral. No sistema sociocultural, haveria a linguagem como um mediador entre o ser humano e a sociedade. Com relação ao cognitivo, os esquemas mentais e as crenças seriam os seus mais fecundos representantes, como aqueles que coordenam a capacidade de conhecimento. Para a afetividade em si, os seus reguladores (como os sentimentos, afetos e emoções) desempenhariam o encargo de interferir íntima e dinamicamente no estado de ânimo do ser humano.

De uma forma enfática, Araújo (1998, 1999, 2007), em sua proposta teórico-conceitual, defende a idéia de que a complexidade desse funcionamento psíquico se deve a uma multidimensionalidade do ser humano. Para tal autor, na composição do sujeito psicológico existem algumas dimensões que o constituem e que podem afetar as relações intra e intersíquicas que ele estabelece consigo mesmo e com o mundo físico, interpessoal e sociocultural em que vive. Para melhor explicar:

Seguindo esta linha de raciocínio, os esquemas de ação descritos pela teoria piagetiana também podem ser entendidos como reguladores, pertencentes ao sistema cognitivo. Um determinado esquema de ação, como o de sucção, possui uma interdependência com os demais sistemas. Por exemplo, seu funcionamento no momento de a criança mamar tem uma interna relação com o sistema afetivo, no tipo de atribuição valorativa que a criança dá ao seio (ARAÚJO, 1999, p. 75).

Há muito se vem comentando sobre esse modelo de estudo proposto por Araújo, como se nota em alguns trabalhos recentes (cf. PINTO, 2003a, 2005b, 2005c, 2005d), e o que mais se acentua nesse caso é que tal modelo teórico-explicativo aponta novos caminhos para se compreender a complexidade do funcionamento psíquico do ser humano ao indicar múltiplos aspectos, ou dimensões psicológicas, que o compõem dinamicamente e, além do mais, que estariam bem próximos da realidade concreta de cada ser humano com todos seus afetos e pensamentos, intrinsecamente ligados.

Toda essa discussão parece ser muito elucidativa, como assinalam outros estudos empíricos realizados na área da psicologia moral (ARANTES, 2000a, 2000b), ao indicar que o processo de resolução de problemas se constrói a partir da relação mútua entre os conteúdos cognitivos e os afetivos, sendo os estados de ânimo (a saber: conteúdos afetivos) objetos psicológicos de capital participação no raciocínio humano. Para comentar de um outro modo, a afetividade pode influenciar o desenvolvimento de novos raciocínios. Sintetizando:

Assim como a organização de nossos pensamentos influencia nossos sentimentos, o sentir também configura nossa forma de pensar. Com isso, o papel da afetividade

deixa de ser apenas motivacional no funcionamento psíquico, assumindo um papel também organizativo (ARANTES, 2000a, p. 150).

Não se pode esquecer de que o grande avanço conceptual dessa visão reside no fato de que a configuração mental comporta dialética e dinamicamente aspectos cognitivos e afetivos. Em recentes estudos (MARTINS, 2003; SASTRE & MORENO, 2002; AFFONSO, 2003; SOUZA, 2003), demonstra-se empiricamente que questões dilemáticas que venham a ter a inserção de um contexto afetivo conjugam um universo diversificado de respostas, apontando para uma complexidade na organização do pensamento humano. Os estudos mencionados ajudam a entender a complexidade do raciocínio humano, ao se propor considerar as inúmeras variáveis que podem interferir no julgamento dos sujeitos diante de uma situação conflitiva, sobretudo aquelas que contenham uma característica afetiva.

A propósito do parágrafo anterior, há de se supor também que a afetividade seja sintetizada como um conteúdo particular na organização psíquica do sujeito psicológico. Com efeito, “[...] a afetividade consegue englobar uma porção de estados de ânimo e, além do mais, englobando uma organização viva de significados e conteúdos psicológicos; como tristeza, amor, paixão, inveja, desesperança e outros mais” (PINTO, 2004a, p. 25-26).

Para terminar, uma imagem paralela que se faz presente é a de que o ser humano seja composto por uma dimensão cognitivo-afetiva. Por isso é que, frente a toda esta discussão, começa-se a compreender que a organização do pensamento humano pode ser influenciada tanto pela cognição, quanto pela afetividade. Em suma, a afetividade coabitaria psiquicamente em igual proveito com a cognição e teria um valor considerável na organização do raciocínio humano, entendendo-se que a afetividade pode mobilizar e coordenar funcionalmente a dinâmica subjetiva do sujeito psicológico (PINTO, 2004a).

3) O sujeito psicológico: algumas idéias complementares

As idéias anteriores são muito promissoras para o debate acadêmico, uma vez que todas elas podem promover uma reflexão sobre o intercâmbio dinâmico de dimensões psicológicas para o conhecimento do ser humano psicológico, como exemplo a cognição e a afetividade como frutos de um mesmo processo na organização do pensamento.

Tendo como ponto de partida as reflexões supracitadas, quer-se agora desenvolver brevemente um novo conjunto de reflexões supositivas, devendo-se iniciar um debate complementar acerca da funcionalidade do sujeito psicológico, acrescentando-se alguns aspectos psico-funcionais. Entre eles destacam-se a correlação entre a cognição e a afetividade, a consciência e o inconsciente. Avançando nesse campo de estudo, derivado da Psicologia Básica, pretende-se fazer uma breve

discussão sobre a natureza psicológica do ser humano.

Conforme hipótese, a via comunicativa entre a cognição e a afetividade está em um sentido bidirecional, sem prejudicar as composições elementares de cada estrutura em si, mas podendo modificar funcionalmente a relação intercomunicativa entre elas. De acordo com tal debate, os estados afetivos podem alterar o dinamismo do funcionamento psíquico do ser humano.

Para melhor entender esse quadro teórico, na tarefa de designar um significado aos mais variados objetos, entra em jogo a dinâmica do psiquismo, em que o ser humano consegue estabelecer ligações mútuas, construtivas e representacionais entre realidade interna e externa, decorrendo daí a leitura psíquica do mundo que o cerca. Pode-se até mesmo considerar que, para que haja a qualificação dos perceptos, em níveis cada vez mais complexos, se faz imperativo o surgimento de processos altamente especializados, representados aqui pela atividade intelectual e também afetiva (PINTO, 2005b).

Para ficar muito mais claro, apresenta-se o seguinte exemplo: um dado objeto informa perceptualmente ao sujeito psicológico suas propriedades físicas (cor, tamanho, textura e composição do material). O ser humano psicológico devolve ao objeto o resultado de sua ação psíquica em qualidade valorativa: o objeto é bonito ou feio, apaixonante ou decepcionante ou até tudo isso. Em um outro modo de dizer, a própria atividade perceptual, realizada pelo ser humano, já estaria impregnada de afeto; não é um olhar pelo simples fato de ver alguma coisa (PINTO, 2005b).

A fim de aprofundar a reflexão sobre os estados afetivos, passa-se, a seguir, para o estudo teórico da afetividade, observando-a na organização do funcionamento psíquico. Possivelmente, ela estaria unida ao domínio do íntimo e pessoal, ao mundo privado e subjetivo e aos conteúdos psicológicos. Como é imaginável, sugere-se que a afetividade tanto integra uma resposta emocional (empalidecimento, cólera, ansiedade e estresse), quanto inclui os aspectos expressivos e gestuais do ser humano (lágrimas, risos e sorrisos) em um mesmo experienciar. Por isso, discute-se que os afetos englobariam um legado que vai do temperamento, da personalidade, das atitudes aos valores pessoais (PINTO, 2004b). Como resumo, basta pensar que:

É próprio que se inclua na discussão a figura de um ser humano que experiencie subjetivamente, e por que não dizer afetivamente, as mais variadas experiências do dia-a-dia. Ao contrário da emoção, segundo a qual traz em seu sentido um 'apelo' essencialmente corporal, a afetividade é traduzida pela sua real complexidade de significados que se manifestam fundamentalmente no psiquismo do ser humano (PINTO, 2004a, p. 27).

Sendo assim, acredita-se que os seres humanos agem *psicológico-afetivamente* face às experiências da vida: a afetividade contém a dedução próxima das *qualidades* do mundo por eles

sentidas. Em suma, os seres humanos são *afetados* pela afetividade (PINTO, 2003b, 2005a, 2005b, 2005c, 2005d, 2005e, 2005f, 2008).

Essencialmente, pode-se afirmar que a afetividade traduz as reais expectativas de se idealizar o ser humano imerso em um complexo universo psíquico de significados simbólicos, principalmente subjetivos, às mais variadas experiências, pessoas e objetos. Nesse sentido de complexidade, supõe-se que é sumamente importante definir a afetividade como um estado psicológico implexo, o que parece sugerir, preliminarmente, que não há um pólo afetivo definido, como *amor* ou *ódio*, *alegria* ou *tristeza*, mas sim uma complementaridade entre os afetos, ou seja, *amor* e *ódio*, *alegria* e *tristeza* (PINTO, 2006, 2007, 2008).

Como se acabou de ver, há a necessidade de se ter modelos representativos de ser humano que sejam mais flexíveis e que possam aglutinar vários aspectos dimensionais, como o inconsciente, a consciência, a cognição e a afetividade. A partir de tudo o que foi discutido, é interessante idealizar mentalmente um ser humano que seja integral, no qual haja o conjugado intercâmbio vivo e dinâmico de processos cognitivos e afetivos, e que também esteja imerso em um plano consciente e inconsciente, o que vem a se chamar aqui *sujeito psicológico*.

O sujeito psicológico vai sendo coordenado, de modo todo dinâmico, pelo jogo psicofuncional das dimensões psicológicas (como cognição e afetividade) em uma determinada experiência do dia-a-dia, constituindo-se, assim, um sistema psicológico de integração de múltiplas estruturas psíquicas. A suposição básica é que cada dimensão psicológica possuiria seu *status* próprio e poderia coordenar outras mais. Com isso, integrariam conhecimentos distintos e não se sobrepujaria uma área sobre a outra: todas teriam um valor de importância no funcionamento do sujeito psicológico (PINTO, 2005b).

Frente a essa descrição, lança-se como hipótese que o *sujeito psicológico* seja formado por um conjunto de processos *cognitivo-afetivos* e mais uma estrutura geral ou organizadora, que é o *Self*, exprimindo aquilo que o ser humano realmente é: as suas condutas, as suas atitudes, os seus temperamentos, os seus gostos, os seus prazeres, os seus medos, as suas fraquezas e quejandos. Ademais, por sua enorme complexidade psicológica, capacita-se a remover da memória psíquica o seu mundo interno, ou mundo subjetivo (análogo a imaginação, pensamento, fantasias etc.). Quem o capacita a fazê-lo é a consciência, mas sabe-se que nem todas as experiências são facilmente avivadas no fluxo da consciência. Em que lugar, então, elas estariam? Possivelmente, estariam atreladas a um plano inconsciente, possibilitando-se assegurar à instância inconsciente um caráter intrínseco, “vivo”, contíguo ao consciente, do sujeito psicológico (PINTO, 2005b, 2006).

Dada a relação complexa e dinâmica entre as dimensões psicológicas, tem-se como suposição que haja três princípios básicos ocorrendo no sujeito psicológico, que são a *organização*, a *estruturação* e o *funcionamento*. No nível de organização, há de se perguntar *quais são* as dimensões psicológicas envolvidas. No caso, a cognição, a afetividade, a

consciência e o inconsciente (além de um *Self*, ou um Eu). Já na estruturação, pergunta-se *o que cada uma faz* e quais são *suas características*. Por exemplo, a cognição teria os esquemas mentais, os pensamentos e as crenças como seus principais correspondentes; a afetividade, o conjunto de emoções, sentimentos e afetos. Por último da lista, o funcionamento psicológico. Questiona-se, nesse item, *como é que se dá* a comunicação entre cada parte (ou seja, cada dimensão) com o todo. Tem-se um processo psicológico no qual a cognição e a afetividade, por exemplo, resultariam em uma *cognição-afetivada*, na qual pensamentos seriam providos de uma carga afetiva.

Optou-se por descrever, separadamente, essa complexa dinâmica funcional do *sujeito psicológico*, realizada conjuntamente pelas dimensões cognição e afetividade, bem como consciência e inconsciente, os quais podem parecer, aos olhos de quem os vê, algo muito simplista, o que não é uma verdade. Quis-se apenas sugerir neste trabalho um panorama teórico para ser mais bem discutido em outro momento. Naturalmente, entende-se que se necessita de um texto posterior que objetive aprofundar a inter-relação dessas dimensões citadas.

4) Considerações finais

Depois da discussão teórica deste ensaio, é evidente que se comente que há muito se vem fragmentando o ser humano psicológico em diversos saberes dispersos entre si, como a cognição e a afetividade, vistas separadamente. Entretanto, começa-se a refletir sobre o fato de que esses mesmos saberes dialogam de forma dinâmica e conjuntiva, isto é, integram conceitos-chave, não se sobrepõem e todos eles têm um valor no funcionamento psíquico como um todo, fomentando-se, assim, um *ser humano psicológico integrador*.

Refletindo sobre isso, deixa-se registrado aqui um material que pode beneficiar o intercâmbio do debate acadêmico sobre o funcionamento psicológico de seres humanos e possivelmente a abertura de novos horizontes de estudo. Em um futuro muito próximo, as pesquisas psicológicas devem ser postas em prática com a finalidade de aprimorar esse conjunto de questionamento, explorando, assim, novas hipóteses teóricas e procurando integrar novos conceitos ao debate acadêmico nessa área temática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abreu, M. V. (2002). A complexidade bio-psico-sócio-axiológica da personalidade humana: contributos para uma teoria integradora. *Psychologica*, v. 30, p. 41-55.

Adcock, C. J. (1990). *Fundamentals of psychology*. London: Penguin.

Affonso, S. A. B. (2003). *O papel das crenças e dos valores na construção de novos conhecimentos: um estudo na perspectiva dos modelos organizadores do pensamento*. Campinas: FE/Unicamp (Dissertação de Mestrado).

Almeida, E. S. Q. (2000). Ciência, o quantitativo e o qualitativo (características, diferenças, tipos). *Alcance*, v. 3, n. 3, p. 27-31.

Aristotle (1991). *De anima*. New York: Prometheus Books (Tradução: R. H. Hicks).

Aristóteles (2000). *Retórica das paixões*. São Paulo: Martins Fontes (Tradução: Isis Borges B. da Fonseca).

Arantes, V. A. (1998). *Modelos organizadores na resolução de conflitos morais: um estudo intercultural com estudantes brasileiros e catalães*. Barcelona: Facultat de Psicologia (Credits de Recerca).

Arantes, V. A. (2000a). Cognição, afetividade e moralidade. *Educação e pesquisa*, v. 26, n. 2, p. 137-153.

Arantes, V. A. (2000b). *Estados de ânimo e os modelos organizadores do pensamento: um estudo exploratório sobre a resolução de conflitos morais*. Barcelona: Facultat de Psicologia (Tese de Doutorado em Psicologia).

Arantes, V. A. *Afetividade e Cognição: rompendo a dicotomia na educação*. Disponível em: <http://www.hottopos.com/videtur23/valeria.htm> Acesso em: 15 nov. 2006.

Araújo, U. F. (1998). *O sentimento de vergonha como um regulador moral*. São Paulo: Universidade de São Paulo/Instituto de Psicologia (Tese de Doutorado em Psicologia).

Araújo, U. F. (1999). *Conto de escola – a vergonha como um regulador moral*. São Paulo/Campinas: Moderna/Unicamp.

Araújo, U. F. A dimensão afetiva da psique humana e a educação em valores. In: Arantes, V. A. (org) (2003). *Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus.

Araújo, U. F.; Puig, J. (2007). *Educação e valores*. São Paulo. Summus.

Brown, S. *et alii*. (1997). *Biographical dictionary twentieth-century philosophers*. London: Routledge.

Campos, L. F. de L. (2000). *Métodos e técnicas em psicologia*. Campinas: Alínea.

Cohen, J. (1966). *A new introduction to psychology*. London: George Allen & Unwin.

Colman, A. M. (2003). *Dictionary of psychology*. New York: Oxford University Press.

Conill, J.; Cortina, A. La psicología de Aristóteles. In: Quinónes, E. *et al.* (1993). *Historia de la psicología*. Madrid: Tecnos.

Dumont, J-P. (1962). *A filosofia antiga*. Lisboa: Edições 70.

Durant, W. (1939). *Os grandes pensadores*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

Elena, A. (1996). *Copérnico, Digges, Galileo – opúsculos sobre el movimiento de la tierra*. Madrid: Alianza Editorial.

Fouillée, A. (1926). *Histoire de la philosophie*. Paris : Libraire Delagrave.

Gambra, R. (1993). *História da filosofia*. Lisboa: Planeta.

Gilmer, B. V. H. (1970). *Psychology*. New York: Harper & Row.

Hunt, N. (1993). *Story of psychology*. New York: Anchor.

James, W. (1912). *Précis de psychologie*. Paris: Marcel Rivieri & Cie Éliteurs.

Kury, M. da G. (2001). *Dicionário de mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lakatos, I. (1994). *Historie et methodologie des sciences*. Paris: PUF.

Larock, E. R. (2002). Against the functionalist reading of aristotle's philosophy of perception and emotion. *International Philosophical Quarterly*, v. 42, n. 2, p. 231-258.

Lefranc, J. (1997). *A filosofia – textos explicados, assuntos analisados*. Lisboa: Gradiva.

Martins, S. M. P. (2003). *Juízo e representação da ação moral: um estudo na perspectiva dos modelos organizadores do pensamento*. Campinas: FE/Unicamp (Dissertação de Mestrado em Educação).

Mira y López, E. (1967). *Psicologia geral*. São Paulo: Melhoramentos.

Moreno, M. (1998). Sobre el pensamiento y otros sentimientos. *Cuadernos de Pedagogía*, n. 271, p.12-20.

Morin, E. (1995). *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget Editora.

Morin, E. (2002a). *Ninguém sabe o dia que nascerá*. São Paulo: Editora da Unesp (Tradução: Maria Leonor F. R. Loureiro).

Morin, E. (2002b). *O problema epistemológico da complexidade*. Lisboa: Europa-América.

Pessotti, I. Razão e emoção no pensamento contemporâneo. In: Macedo, L. de; Amendôla, M. B. (2002). *Psicanálise e Pedagogia*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Pinto, F. E. M. (2003a). Psicologia e complexidade... um retorno ao passado em busca de um sistema integrador. *Argumento*, v. 10, p. 11-22.

Pinto, F. E. M. (2003b). Psicologia e hospital: uma reflexão sobre a cognição e a afetividade. *Revista Roteiro*, v. 10, n. 1, p. 83-99.

Pinto, F. E. M. (2004a). *Por detrás dos seus olhos: a afetividade na organização do raciocínio humano*. Campinas: FE/ Unicamp (Dissertação de Mestrado em Educação).

Pinto, F. E. M. A (2004b). O “mundo do coração”: os (novos) rumos de estudo da afetividade na psicologia. *Revista Ciências Humanas*, v. 10, n. 2, p. 111-114.

Pinto, F. E. M. (2005a). Quais são os novos desafios da psicologia neste século. *ConScientiae saúde*, v. 4, p. 23-31.

Pinto, F. E. M. (2005b). Cognição e afetividade: um primeiro debate sobre o papel do pensar e sentir. *Barbarói*, v. 22/23, p. 71-82.

Pinto, F. E. M. (2005c). Os (des)afetos da inteligência: o possível diálogo entre cognição e afetividade. *Publicatio*, v. 13, n. 1, p. 7-12.

Pinto, F. E. M. (2005d). Uma análise introdutória sobre o papel da *afetividade* na *cognição* humana. *Mimesis*, v. 26, n. 1, p. 75-82.

Pinto, F. E. M. (2005e). A afetividade na organização do raciocínio humano: uma breve discussão. *Psicologia: Teoria e Prática*, v. 7, n. 1, p. 35-50.

Pinto, F. E. M. (2005f). Cognição e afeto: uma primeira visão reflexiva sobre o funcionamento do sujeito psicológico. *Revista de Educação*, v. 8, n. 8, p. 61-69.

Pinto, F. E. M. (2006). O sujeito psicológico e as interfaces com as dimensões psíquicas: um breve diálogo sobre a afetividade. *Claretiano*, n.6, p. 20-28.

Pinto, F. E. M. (2007). A dimensão afetiva do sujeito psicológico: algumas definições e principais características. *Revista de Educação*, v. 10, n. 10, p. 9-15.

Pinto, F. E. M. (2008). As muitas faces da *afetividade*: um breve debate sobre o funcionamento psicológico do ser humano. *Barbarói*, n. 28, p. 75-88.

Reichenbach, H. (1985). *Da Copernico a Einstein*. Bari: Laterza.

Ross, D. (1995). *Aristotle*. London: Routledge.

Schmidt, J. (1998). *Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine*. Paris : Larousse.

Souza, L. L. de. (2003). *Modelos organizadores na resolução de conflitos morais: um estudo com adolescentes autores de infração*. Assis: Faculdade de Ciências e Letras/Unesp (Dissertação de Mestrado em Psicologia).

Sastre, G.; Moreno, M. (2002). *Resolución de conflictos y aprendizaje emocional*. Barcelona: Gedisa.

Tarnas, R. (2000). *A epopéia do pensamento ocidental – para compreender as idéias que moldaram nossa visão de mundo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Weber, A. (1925). *History of philosophy*. United States: Charles Scribner's sons.

Wertheimer, M. (1991). *Pequena história da psicologia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

Young, P. T. Motivation, affectivité et emotion. In: Andrews, T. G. (1952). *Méthodes de la psychologie*. Paris: PUF.

O autor agradece imensamente à Psicóloga Thaís Fernanda Danaga pela leitura afetiva e antecipada deste manuscrito; deixando, pois, registrada aqui uma eterna gratidão.

ANEXOS



Fonte da foto: Foto do Filósofo Aristóteles, digitalizada da capa do livro *Retórica das paixões* (Editora Martins Fontes, São Paulo, 2000).

Idéia original e elaboração: Fausto Eduardo Menon Pinto.

Sujeito psicológico

A figura procura mostrar, inicialmente, as possíveis dimensões psicológicas que se acredita comporem o ser humano, as quais foram a tônica da temática discutida neste artigo. Pode-se observar que o ser humano é composto de um conjunto de dimensões com características bem definidas e próprias, mas que interagem entre si, formando-se, assim, um *sujeito psicológico*. Na elaboração deste material, para simples efeito didático, dividem-se as dimensões em “camadas” separadas, o que de fato não acontece na dinâmica psico-funcional. Como uma hipótese geral, afirma-se que existe uma organização complexa e dinâmica entre elas para compor o funcionamento psíquico do ser humano. Dessa forma, o *sujeito psicológico* pode ser definido como aquele que integra múltiplas dimensões, como é o caso da cognição e da afetividade, as quais exercem, cada uma delas, influência mútua no funcionamento psicológico do ser humano.